

Eixo Temático 2 - Informação, Comunicação e Processos Tecnológicos

ECO NAS REDES:

a reverberação das práticas misóginas ocorridas na plataforma Discord

ECO ON NETWORKS:

the reverberation of misogynistic practices that occurred on the Discord platform

Girlaine Pergentino Gomes – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) -

girlaine.pergentino@ufpe.br

Mayara Paula Atanásio Soares da Silva - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) -

mayara.atanasio@ufpe.br

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Permeando o cotidiano de parte da população, as redes sociais endossam um avanço sem precedentes. Entretanto, hiperconectados e livres no ciberespaço, alguns usuários encontram ambiência para ações antiéticas. Desta forma, o presente trabalho, por meio de uma revisão bibliográfica, busca compreender os ambientes digitais como facilitadores para práticas misóginas, trazendo sob a perspectiva da análise de conteúdo um recorte da reportagem do Fantástico sobre os crimes sucedidos no Discord. Por fim, circunda-se as implicações e impactos relacionados à hiperconectividade e a liberdade nas redes, compreendendo que informações maliciosas transpassam o virtual, acarretando reverberações para a vida privada das vítimas.

Palavras-chave: redes sociais; Ciência da Informação; misoginia; Discord.

Abstract: *Permeating the daily life of part of the population, social networks endorse an unprecedented advance. However, hyperconnected and free in cyberspace, some users find an environment for unethical actions. In this way, the present work, through a bibliographic review, seeks to understand the digital environments as facilitators for misogynistic practices, bringing from the perspective of content analysis a clipping of the Fantástico report on the crimes that occurred on Discord. Finally, instructions and effects related to hyperconnectivity and freedom on networks are discussed, understanding that malicious information goes beyond the virtual, causing reverberations in the private life of victims.*

Keywords: *social networks; Information Science; misogyny; Discord.*

1 INTRODUÇÃO

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) têm transformado significativamente a sociedade. Atualmente, o número de dispositivos digitais ultrapassam o número de habitantes no país¹, embora isso não confira o acesso igualitário à internet

¹ Informação disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/>

para todos, confirma o fato de que estamos hiperconectados². Essa rápida progressão tem propiciado uma maior acessibilidade ao mundo virtual, permitindo ampla comunicação entre as pessoas e conduzindo novas formas de interação, gerando uma rede significativa de trocas, armazenamento e compartilhamento de informações. Com isso, redes sociais como o Facebook, Twitter, Instagram, entre outras, endossam um avanço sem precedentes, onde virtual e real se misturam e a privacidade exprime liberdade aos usuários (VIEIRA, 2007).

Para grande parte dos adeptos, as redes sociais proporcionam passatempo e entretenimento. Além disso, o seu alcance permite a confluência de ideias e ideais, facilitando debates sociopolíticos, manifestações sociais e lutas de classe, unindo pessoas ao redor do país. A liberdade adquirida nesses espaços virtuais tem impacto positivo e quando utilizado para o progresso econômico e social pode unificar vozes para além das telas³. Entretanto, a face negativa amarga condutas ilícitas, como a disseminação de informações maliciosas, a invasão de privacidade e a propagação do cyberbullying, além dos casos de pedofilia e sexting⁴ (MOREIRA *et al.*, 2017).

Nesses casos, muitos usuários se valem do anonimato ou de perfis falsos para a execução de práticas antiéticas, como mostram os recentes atos sexistas e criminosos que ocorreram na plataforma Discord, aplicativo que se destaca como uma ferramenta de comunicação e interação online especialmente popular entre os jovens (PAZ, 2023). Dessa forma, uma rede permeada por menores de 18 anos, vira abrigo para ações maliciosas, onde criminosos atuam por trás das telas, propagando e aumentando os casos de assédio, perseguição e violência contra mulheres no ambiente digital.

Embora a concepção de 'gênero' seja atualmente debatida como uma construção social e cultural, é difícil desvencilhar a dicotomia entre o masculino e o feminino, tanto no mundo real, quanto no virtual. Para Miller *et al.* (2019), "as mídias sociais fortalecem as relações de gênero existentes e os ideais dominantes de masculinidade e feminilidade, [...] levam a transformações na forma como as diferenças de gênero são imaginadas e

² Em referência ao conceito "onlife", encaminhado por Luciano Floridi no livro "The Onlife Manifesto", que diz respeito sobre a indissociabilidade entre o mundo real e virtual.

³ Alusão a onda de protestos que ocorreram no ano de 2013 em todo o país.

⁴ Troca de mensagens com conotação sexual via comunicadores digitais como celulares e computadores.

praticadas”. Desta forma, as ações sobre os corpos feminilizados na internet, acompanham atualmente uma onda de percepções que reiteram discursos machistas e misóginos⁵. Paz (2023, p.58) aponta “que o corpo das mulheres é sujeito e súdito às regras e violência da soberania masculinizada, historicamente subjetivada para se impor como predadora, dominadora, ativa e viril, reservando às mulheres, todo o contraste incompatível com tais atributos”.

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é investigar a presença e manifestação de práticas misóginas e de violência contra a mulher, na plataforma Discord, a fim de compreender o cenário dessas ações e propor estratégias para mitigar seu impacto negativo. Para tal, a partir da análise de conteúdo da notícia relacionada às ocorrências de práticas misóginas na plataforma Discord, transmitida no mês de junho, pelo Fantástico, programa televisivo vinculado à Rede Globo, averigua-se como a liberdade dos usuários na plataforma Discord possibilita a ocorrência de ações maliciosas direcionadas a crianças e adolescentes no meio digital e analisa-se as consequências e reverberações dessas práticas em suas vidas privadas.

Dessa maneira, o desenvolvimento deste artigo possui como ponto de partida a solução para o seguinte questionamento: **Como a plataforma Discord se manifesta como um ambiente propício para a perpetuação de práticas misóginas e violências digitais de gênero?** Ademais, também foi realizado um levantamento bibliográfico com o intuito de cotejar artigos que apresentassem, na Ciência da Informação e áreas correlatas, apontamentos sobre os ambientes digitais como possíveis fortalecedores de práticas sexistas.

2 A VIDA CONECTADA

Rede mundial de pessoas. Embora essa não seja a frase que remete diretamente a definição do que é a internet, atualmente, essa é uma das suas principais funções. Desde o

⁵ Atualmente, comunidades espalhadas pela internet onde homens reiteram discursos contrários às mulheres, vem ganhando mais adeptos. Eles se subdividem entre Redpill, MGTOW, Incels e lançam vídeos e manuais para a propagação de uma nova ordem de machistas. Veja mais em: <https://brasil.elpais.com/>.

seu surgimento, a internet tem sido um fenômeno que revolucionou a forma como a sociedade dialoga, ruindo as barreiras que se interpunham aos fluxos de informação. Assim, como consequência, houve a descentralização desse insumo, que por muito tempo permaneceu sob o domínio dos meios de comunicação tradicionais⁶.

Hoje, como aponta Shirky no livro “A cultura da participação”, todos estão interessados em interagir e não apenas consumir passivamente um conteúdo. Essa transmutação para um ambiente dinâmico é propiciada diante do fácil acesso aos dispositivos digitais, onde os usuários transitam entre os papéis de espectador, colaborador e difusor de informação, adquirindo a oportunidade de tecer comentários, debater com outros usuários, avaliar, salvar, compartilhar ou simplesmente ignorar o que chega até ele.

Envoltas nesse cenário, as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como as redes sociais, desempenham um papel fundamental na construção de uma sociedade hiperconectada. Segundo Floridi (2014) às TICs estão entre as mais poderosas e influentes tecnologias que permeiam a atualidade. Ainda segundo o autor, a construção da identidade pessoal ou do seu ‘eu social’ (the social self) também passa por modificações em ambientes digitais, além das já perceptíveis alterações nas formas de se relacionar, visto que cada rede possui sua especificidade. Schlemmer, Felice e Serra (2020, p.18) compreendem que:

O específico dessa nova realidade, o que faz com que ela seja hiperconectada, é o digital, em rede, sendo o virtual (virtus-potência), o que emerge dessa nova realidade e, enquanto potência, não é específico do digital, mas sempre existiu, na história da humanidade. Por outro lado, o digital também possui uma realidade que não é feita de átomo, mas de bit. Trata-se, portanto, de uma realidade de outra natureza que, acoplada a realidade de átomo, potencializa a hiper-realidade. O humano, assim como todas as coisas, se prolongam no digital, se acoplam e se hibridizam com ele. Enquanto humano, amplia, potencializa e exterioriza sua identidade, alteridade, seu viver e conviver, numa nova realidade hiperconectada, OnLIFE.

Nos últimos anos, as redes sociais ganharam força e hoje em dia é difícil imaginar as interações sociais sem ela. Schlemmer, Felice e Serra (2020, p.2), apontaram que “a nação mais populosa do mundo é o Facebook, com cerca de 2 bilhões e 196 milhões de cidadãos, mais que o dobro dos habitantes da China”. Atualmente, segundo levantamento da

⁶ Aqui compreende-se rádio, jornal e televisão.

Comscore⁷ o Brasil se destaca como grande consumidor de redes sociais e entre as redes com mais adeptos no país estão o YouTube, Facebook e Instagram, seguidos do TikTok, Kwai e Twitter.

A crescente popularidade e a vasta presença das mídias sociais em todo o mundo provocam, em alguns, a sensação de que existe uma nova geração de “nativos digitais” que nasceram e cresceram na era digital. As mídias sociais parecem ter se tornado a base de muitos de seus relacionamentos cotidianos. Como resultado, significativa parte do mundo luta para dar sentido a esse novo fenômeno e seu impacto. Precisamente porque as mídias sociais estão agora tão incorporadas na vida dos jovens, a expectativa de que essas estejam substituindo as interações e os relacionamentos off-line tem aumentado. Entretanto, uma comparação entre dois tipos de relações designadas como on-line e off-line pode implicar na compreensão de que essas sejam totalmente distintas ou opostas entre si (MILLER *et al.*, 2019, p. 113).

De fato, boa parte dos jovens já nascem inseridos nesse cenário, onde as redes são extensões da sua realidade. Para Boyd (2014), as mídias sociais são como os pontos de encontros presenciais, é onde eles se sentem livres para encontrar os amigos e socializar. No entanto, a ideia de “nativos digitais” oferece um risco preeminente às crianças e adolescentes, visto que com a facilidade a qual administram as novas tecnologias, acabam ganhando liberdade na internet e sem supervisão correta, tornam-se vulneráveis a atos criminosos.

Ao se inserir e “navegar” no ciberespaço, o sujeito pode viver a ilusão de que é capaz de construir, desconstruir e reconstruir o mundo, ainda que virtualmente, de acordo com seu desejo. A tecnologia digital cria e alimenta a ilusão de que o usuário tem controle total sobre processos de produção e disseminação de informações com um simples clique com a ponta dos dedos. (LIMA-SANTOS; SANTOS, 2022, p. 1084).

Boyd (2014) relata que o excesso de exposição e informação que esses jovens jogam nas redes, vira preocupação e traz apontamentos apocalípticos por uma parte da sociedade. No entanto, ressalta que embora seja importante falar sobre crimes passíveis de ocorrer em rede, como o bullying, o racismo e misoginia, eles não são novidades, afinal, já ocorrem na vida real. A autora traz que é fundamental reconhecer que a tecnologia não cria esses problemas, mesmo que os tornem mais visíveis. A internet espelha, amplia e

⁷ A Comscore planeja, transaciona e avalia mídia nas plataformas. Disponível em: <https://forbes.com.br/f>.

torna mais visível o bom, ruim e feio da vida cotidiana.

Outro ponto importante a ser debatido refere-se ao anonimato proporcionado pelas redes. Um dos perigos das plataformas permissivas para o anonimato é que, segundo avaliação de Boyd (2014, p.43, tradução nossa), muitos jovens “sentiram que o anonimato lhes dava uma sensação de liberdade que eles não achavam que poderiam ter. Em sites para os quais a construção de uma identidade – pseudônimo ou “real” – era mais típico”. Entretanto, a liberdade proporcionada permite ações perigosas ou destrutivas.

Torna-se comum que grande parte do conteúdo seja compartilhado anonimamente, de modo que, a rede seja composta por comunidades de multidões invisíveis. [...] Desta forma, esses espaços acabam por constituir fontes de produção e manutenção cultural de estratégias patriarcais ligadas a neutralidade, violação, exploração, ampla divulgação e tráfico de informações e conteúdos íntimos de mulheres, com absolutamente nenhuma preocupação com as práticas de consentimento, embora, pareçam, por vezes, descrever processos de proteção e segurança, prometem ajuda sempre em situações às quais os conteúdos já estão em ampla circulação (PAZ, 2023, p.169).

O fato é que precisa-se ajudar os jovens (e não apenas eles) a navegar de forma segura nas redes, afinal, numa realidade composta por interações virtuais, compartilhar informações é compreendida apenas como uma forma de socializar e não de abrir mão de sua privacidade. De acordo com Paulo e Casarin (2020, p. 93) faz-se necessário gerenciar o equilíbrio no uso “[...] entre intimidade e privacidade, o que inclui escolher o que expor sobre si mesmo e para quem, quando e com que riscos”.

3 PLATAFORMA DISCORD

Desenvolvido no ano de 2015, o Discord teve como ponto de partida o interesse em conectar usuários participantes de jogos on-line ao redor do mundo, visando criar um espaço de interação entre os gamers. Entretanto, especialmente durante a pandemia de COVID-19, a plataforma se popularizou e passou a ter a sua utilização direcionada também para beneficiar o ensino a distância. A inserção dessa rede nesse âmbito se deu pela facilidade de acesso e por já possuir grande aceitação para crianças e adolescentes (SCHARTZ, 2021). Além disso, o Discord abriga outros tipos de interações, Paz (2023, p.87) pontua que atualmente, “70% dos usuários utilizam para atividades que não envolvem

jogos”.

Na informação extraída do website da plataforma, existe a reiteração de que atualmente a rede não se limita ao usuários com perfis gamers. “O Discord é usado por todos, de clubes locais de caminhada a grupos de estudo e comunidades artísticas. Milhões de pessoas estão no Discord criando espaços para seus amigos e comunidades, e conversando por mais de 4 horas por dia na plataforma.” Com recursos como chat de texto, voz e vídeo, o Discord permite a criação de comunidades virtuais e a participação em grupos temáticos com nichos específicos.

O fato é que precisa-se ajudar os jovens (e não apenas eles) a navegar de forma segura nas redes, afinal, numa realidade composta por interações virtuais, compartilhar informações é compreendida apenas como uma forma de socializar e não de abrir mão de sua privacidade. De acordo com Paulo e Casarin (2020, p. 93) faz-se necessário gerenciar o equilíbrio no uso “[...] entre intimidade e privacidade, o que inclui escolher o que expor sobre si mesmo e para quem, quando e com que riscos”.

Atualmente, a plataforma conta com mais de 150 milhões de usuários ativos por mês e 4 bilhões de minutos de conversas diárias⁸. Paz (2023, p.88) explica que “Para entrar em um servidor (nome dado às comunidades), basta aceitar um convite enviado através de um link, que podem ser públicos e privados, além disso, criam salas de conversas anônimas”. A autora também esclarece outras informações sobre a plataforma, dizendo que:

Os servidores no Discord podem ser avaliados e recebem classificações de acordo com atividades ativas na rede, como número de membros, curtidas e usuários online nos chats. Dentro dos servidores é possível compartilhar links internos de grupos privados. Adentrar um grupo pode significar a entrada para muitos outros, não apenas na plataforma, mas com direcionamento através de fluxos para outras redes. Além disso, é possível realizar chamadas de voz e vídeo com uma ou mais pessoas (PAZ, 2023, p.88).

De fato, o Discord cumpre o que propõe e fornece espaços interativos para os variados grupos e comunidades. Entretanto, a partir do anonimato que a rede propicia, e com as baixas restrições de acesso, muitos usuários se veem livres para o consumo e compartilhamento de informações criminosas, além das práticas de misoginia e de

⁸ Extraída do site da plataforma: <https://discord.com/>.

explicação, onde classificam, catalogam, exploram e “vendem” a mulher como mercadoria.

4 MISOGINIA NAS REDES

A priori, se faz necessário compreender o que se entende socialmente como misoginia e como esse crime é compreendido. Segundo o projeto de lei (PL n.890/2023), que visa tipificar e criminalizar esses atos, compreendem a misoginia como “discriminação, preconceito, propagação do ódio ou aversão e afins, praticados contra mulheres por razões da condição de sexo feminino” (BRASIL, 2023). Na justificção do projeto de lei, também consta que:

A tentativa de disseminação da misoginia, praticada com afincamento por alguns movimentos que se empenham em arrebatar seguidores para propagação do ódio ou aversão ao gênero feminino, vem sendo amplamente noticiado por diversos meios de comunicação, sendo esta questão urgente de segurança pública que carece da disposição de instrumentos legais que criminalizem tais práticas. Ademais, convém ressaltar que a conduta misógina possui exacerbado potencial no incentivo à prática de crimes contra a vida de mulheres.

Desta forma, compreende-se que o crime de misoginia pode ser considerado toda ação que tem por intuito ferir a integridade física, social e moral da mulher, reiterando a partir disso, discursos e práticas patriarcais que fortalecem a imagem feminina como submissa e propensa a manipulação dos homens. Isto posto, Paz (2023, p. 31) esclarece que as práticas de violências digitais de gênero compreendem um conjunto de ações, entre eles o assédio, ameaça, compartilhamento de conteúdo sem o consentimento, invasão de privacidade, cyberbullying, sendo também estimuladas a partir de interseccionalidades relativas à raça, sexualidade e idade. Diante disso, torna-se possível compreender que a sociedade se dispõe de diversos meios para a propagação do ódio contra as mulheres, sejam em ambientes virtuais ou não, esferas públicas ou privadas, por meio de músicas, filmes e fotografias. A objetificação dos corpos e a naturalização da violência contra a mulher são os principais motivos para que as situações envolvidas de misoginia sejam presentes e fortalecidas na sociedade.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

A construção metodológica se deu inicialmente com uma revisão bibliográfica, na qual foi possível extrair as implicações das redes sociais e por consequência a assimilação dos crimes de misoginia em ambiente virtual. Para a análise qualitativa das reverberações dessas ações criminosas, utilizou-se a ótica da análise de conteúdo de Bardin (2011), que pode ser compreendido como um conjunto de técnicas para interpretação dos temas de determinado registro informacional. Segundo a autora, a técnica pode ser aplicada em textos escritos ou de qualquer forma de comunicação que tenha eventualmente sido traduzida para texto ou documento. Para Minayo (2007) a pesquisa qualitativa foca no universo da produção humana, que envolve relações, representações e intencionalidades, e é caracterizado por elementos difíceis de serem traduzidos em números e indicadores quantitativos.

Desta forma, foi considerada a notícia transmitida pelo Fantástico, programa transmitido pela Rede Globo que posteriormente foi disponibilizado na íntegra na plataforma digital do jornal G1. O título da matéria é: “Rede sem lei: no Discord, criminosos violentam e humilham meninas menores de idade⁹” e a partir dela, obtém-se a forma de atuação dos criminosos nas redes, o perfil das vítimas, as tipologias dos crimes cometidos e a repercussão na vida privada das vítimas. A utilização dos métodos anteriormente apresentados foram fundamentais para a elaboração e aprofundamento das seções deste artigo.

6 ANÁLISES E RESULTADOS – “A REDE SEM LEI”

Avançando para a extração das informações da notícia elaborada pelo Fantástico e G1, conclui-se que o perfil das vítimas da rede criminosa atuante no Discord, tinha como foco meninas menores de 18 anos, com tendências ao isolamento social e alta interação nas redes. Por meio da construção de um perfil amigável e se valendo de codinomes, eles conseguiam adquirir confiança para manipular as adolescentes. Paz (2023) pontua que rara

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/>

as vezes a violência se dá logo de cara, o mais comum é que a face agressora só surja após a aquisição da confiança através do afeto, seja por meio de relações de web amigadas ou web namoros. Dado o elo entre as partes é a partir desse momento, que podem se configurar a troca de informações pessoais e sigilosas ou até mesmo imagens íntimas.

Em contraste com as conhecidas e amplamente discutidas práticas de violência e abuso de adultos contra crianças, com a interação via internet como facilitadora, a mesma prática entre pares tem chamado a atenção da comunidade científica, da sociedade e da mídia. O risco da vitimização sexual vem de amigos, colegas, amigos de amigos e, conseqüentemente, de toda a rede. Casos de danos à “reputação digital” de adolescentes, envolvendo preferencialmente meninas e jovens mulheres, têm vindo à tona, muitas vezes com desfechos dramáticos. O uso das novas tecnologias para perpetrar violência sexual inicia com a criação de ambientes sociais hostis e danosos, como no caso da divulgação não consensual de fotos e vídeos de cunho sensual ou sexual na rede (SFOGGIA; KOWACS, 2014, p.9).

Mesmo vítimas, as mulheres tendem a ser culpabilizadas pelas ações anteriormente executadas em rede. Existe também a forte repercussão e o rastro deixado pelas informações vazadas. “Nesse sentido, a dificuldade em pedir ajuda e a vergonha de voltar a lugares públicos, como a escola ou o trabalho, envolve o fator atemporal da circulação do conteúdo que pode ser recompartilhado independente do tempo” (PAZ, 2023, p.55).

Além da exposição de conteúdo íntimo e sigiloso, os crimes cometidos e denunciados na rede Discord, circundam entre agressões verbais, estupro, indução a auto mutilação, e até mesmo ao suicídio. “Um dos criminosos tem vários aparelhos de armazenamento e revela uma coleção cruel: ‘backup das vagabundas estupráveis’. Em cada pasta, o nome de uma vítima. São dezenas de meninas violadas, chantageadas, expostas, catalogadas” (FANTÁSTICO, 2023).

A distorção sobre a prática do consentimento resulta na autorização pública sobre os corpos das mulheres que os homens entendem como coisa própria. A cobrança social para o ajuste do comportamento das mulheres adequado às suposições de gênero, ligadas ao corpo e a sexualidade, também são imperativos que se impõe como justificativa e validação aos crimes. Esse cenário o qual as mulheres estão sujeitas é parte do projeto capitalista que naturaliza as violências tornadas irreflexivas em sociedades com bases patriarcais, se configurando como coisa comum o “tráfico de mulheres” na internet, por meio do compartilhamento, troca e venda sem ressalvas, de conteúdos íntimos sem consentimento (PAZ, 2023, p. 100).

A partir disso, determinadas ações não se limitam ao ambiente digital e os

envolvidos conseguem cooptar as meninas para lugares privados onde as mantêm sob vigilância e agressões constantes. A manipulação, medo e o cenário de insegurança são as premissas para a violência ocorrida nos ambientes virtuais. Diante da realidade brasileira e suas estatísticas elevadas no que diz respeito à violência contra a mulher, a mudança desse cenário desigual entre os gêneros necessitam de ações voltadas à elaboração e aplicação de políticas públicas, educação e conscientização, ambiente acolhedor para possíveis denúncias, promover debates acerca da temática dando voz às mulheres, e distintas ações que promovam uma capacitação coletiva em prol da convivência respeitosa e justa perante a sociedade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das redes sociais é algo complexo e com várias nuances e searas, impossíveis de serem esgotadas e analisadas em um único trabalho. Visto isso, a partir do enfoque ao qual se sucedeu essa pesquisa, que versa sobre a interpretação dos dados da reportagem veiculada sobre os casos de misoginia na plataforma Discord, pode-se perceber que há uma palpável quebra do real e virtual. A liberdade dos usuários na rede, permite ações maliciosas que quando infligidas contra crianças e adolescentes no meio digital tem reverberações em suas vidas privadas. Sob essa ótica, os objetivos determinados neste artigo foram alcançados de maneira satisfatória, tendo em vista os métodos utilizados no desenvolvimento deste estudo ajudaram a esclarecer como se dão as manifestações de violência contra a mulher na plataforma Discord, além da possibilidade de compreensão acerca das razões que proporcionam as ações maliciosas e suas consequências na vida das crianças e adolescentes.

Em seu artigo, Moreira *et al.* (2019), traz contribuições práticas de como a conscientização pode ser realizada de forma efetiva, apresentando por meio de instruções adaptadas às variadas faixas etárias a qual foi proposta. Para tanto, é sempre importante ressaltar que não basta apenas atingir as crianças e os jovens, é necessário preparar os adultos e responsáveis para o mundo de possibilidades que as redes sociais podem fornecer. Para a ciência da informação, também cabe a missão de compreender os fluxos

informacionais que acontecem nessas redes, afinal, esse insumo move a sociedade em que vivemos.

Visto isso, é importante refletir sobre o papel das unidades humanas na execução e reverberação das ações criminosas. Afinal, as redes sociais se configuram como um dos meios possíveis para a troca e interação social. Nesse sentido, a cultura da participação digital permite que os usuários criem relações de confiança e confiança com seus pares nas redes. Desta forma, seja no computador ou no smartphone, não há isolamento e sim uma rede de múltiplas conexões acontecendo simultaneamente, não é uma desconexão com o real e sim uma hiperconexão com o mundo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOYD, D. **It's complicated**: the social lives of networked teens. London: Yale University Press, 2014.

BRASIL. PL n. 890, de 06 de março de 2023. Dispõe sobre criação de Lei para tratamento penal e processual de crimes resultantes de práticas misóginas. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br>. Acesso em: 22 jul. 2023.

FLORIDI, L. **The Fourth Revolution**: How the Infosphere is Reshaping Human Reality. United Kingdom: OUP Oxford, 2014.

LIMA-SANTOS, A. V. de S.; SANTOS, M. A. dos. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1081-1102, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/69802>. Acesso em: 24 jul. 2023

MILLER, D. et al. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. Londres: UCL Press, 2019. Disponível em: <https://uclpress.co.uk/book/como-o-mundo-mudou-as-midias-sociais/>. Acesso em: 15 jul. 2023

MINAYO, M. C. de S. (Org)., **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOREIRA, R. P. *et al.* Prevenção de crimes virtuais contra crianças e adolescentes. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p.01-215 jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/19104>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PAULO, R. B.; CASARIN, H. C. S. Segurança no uso e compartilhamento de dados nas redes sociais por estudantes do ensino médio. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, p. 91-113, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/29929>. Acesso em: 25 jul. 2023.

PAZ, A. A. **Explicação na internet**: violências digitais contra mulheres. 2023. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

REDE sem lei: no Discord, criminosos violentam e humilham meninas menores de idade. **Fantástico**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/06/25/rede-sem-lei-no-discord-criminosos>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SCHLEMMER, E.; FELICE, M. D.; SERRA, I. M. R. DE S. Educação OnLIFE: a dimensão ecológica das arquiteturas digitais de aprendizagem. **Educar em Revista**, v. 36, p. e76120, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/5kXJycPzpBZn6L8cXHRMRVy/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

SCHWARTZ, D. **Using Discord to Facilitate Student Engagement**. (2021). UNLV Best Teaching Practices Expo. 122. Disponível em: https://digitalscholarship.unlv.edu/btp_expo/122. Acesso em: 18 jul. 2023.

SFOGGIA, A. KOWACS, C. Sexualidade e novas tecnologias. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 16, n. 2, p. 4-17, 2014. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbp.celg.org.br/pdf/v16n2a02.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2023.

VIEIRA, T. M. **O direito à privacidade na sociedade da informação**: efetividade desse direito fundamental diante dos avanços da tecnologia da informação. 2007. Dissertação (Mestrado em Direito, Estado e Sociedade) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3358>. Acesso em: 17 jul. 2023.